ENFRENTANDO A DESMOTIVAÇÃO PELO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL I

BÁRBARA LAKATOS GALDINO

RESUMO
O objetivo dessa pesquisa é identificar quais são as causas da desmotivação dos alunos de ensino fundamental I (1º ao 5º ano) pelo próprio processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa baseou-se em estudos bibliográficos que forneceram informações sobre o assunto pesquisado. Os resultados evidenciam que a motivação dos alunos é considerada como uma força dinamizadora do processo de educação que pode atingir os mais variados níveis de ensino, tanto no desempenho educacional, na quantidade de horas que eles passam estudando, e nas conquistas acadêmicas, quanto traz um nível importante de satisfação em suas vidas. Dessa forma, conclui-se que, quando exigimos de nossos alunos que aprendam ou absorvam um conteúdo, sem deixar claros os motivos que os fazem primordial para a vida desse aluno, exigimos que ele se esforce em algo pelo qual ele não tem nenhuma identificação e nem motivação em aprender.

PALAVRAS-CHAVE: Desmotivação; Ensino; Fundamental; Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A motivação é um fator indispensável para a realização do aprendizado. É ela quem deixa o indivíduo disposto as pequenos tarefas do seu dia. Refletindo sobre o ambiente escolar e os problemas existentes nele, cita-se as motivações intrínseca e extrínseca do aluno destacando-se a importância dessas motivações individuais e estimulando-os a criá-las.
Através de teóricos e a vivência no cotidiano, buscaremos destacar a importância de se ter um aluno motivado em sala de aula e desenvolver maneiras e técnicas de como lidar com essa situação em sala de aula e como professores e responsáveis podem ajudar nesse contexto, afim de chegar em uma conclusão na melhoria dessa forma de ensino e como utilizar essas habilidades sem causar grande impacto no educando.
Podemos atribuir a falta de motivação das crianças por viverem em um mundo repleto de tecnologias, por mais que as pessoas saibam da importância da educação para o desenvolvimento da criança, cada vez mais é um desafio para o professor buscar estratégias para que possíveis soluções sejam tomadas.
Nesse processo, teremos como objetivos identificar quais são as motivações intrínseca e extrínseca, além de compreender e destacar a importância delas no processo de aprendizagem dos alunos de Ensino Fundamental I.
Quando exigimos de nossos alunos que aprendam ou absorvam um conteúdo, sem deixar claros os motivos que os fazem primordial para a vida desse aluno, exigimos que ele se esforce em algo pelo qual ele não tem nenhuma identificação e nem motivação em aprender.
Assim, esse trabalho tem como objetivo conhecer as motivações individuais dos alunos e, a partir desse entendimento compreender como o processo de aprendizagem é construído. Os objetivos específicos apresentam a definição de motivação intrínseca e extrínseca e destaca a sua importância no processo de aprendizagem.
O trabalho será apresentado na forma de pesquisa bibliográfica sobre o tema, focando principalmente na obra “Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo” de Boruchovitch, E., Bzuneck, J. A. e Guimarães, S. E. R, além de revistas e artigos que falam sobre o tema de forma geral, embasa-se nossa tese na Teoria da Autodeterminação, com base nos estudos de Guimarães e Bzuneck (2008).

DESMOTIVAÇÃO NAS ESCOLAS: UM PROBLEMA URGENTE.

A desmotivação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem das disciplinas que compõem a Educação Básica tem se tornado um dos principais desafios dos professores e das escolas atualmente. Segundo Bzuneck (2009) a motivação é de fundamental importância na aprendizagem, uma vez que os alunos desmotivados se dedicam muito pouco

ou nada aos estudos e, consequentemente, aprendem muito pouco, o que atrapalha a formação de pessoas capacitadas para exercerem a cidadania.

Para Maslow (apud HERSEY e BLANCHARD, 1986) desmotivação pode ocorrer por vários fatores sejam eles: social, segurança e fisiológica. As necessidades fisiológicas são aquelas relacionadas à moradia, alimentação, vestuário, ou seja, são as necessidades básicas para que se tenha uma vida psicológica e fisiológica adequada. A escola e sua equipe são os fatores com mais influência na motivação e desmotivação dos alunos, assim como a família dos alunos, fazendo com que o seu rendimento seja satisfatório ou insatisfatório.

A aprendizagem é resultado do desenvolvimento de talentos e de conhecimentos, bem como do modo de adaptação destes para novas situações. O processo de organização das informações e de integração do material à estrutura social e educacional é o que os professores chamam de aprendizagem, sendo necessário refletir que cada pessoa apresenta um conjunto de estratégias perceptivas que mobilizam o processo de aprendizagem (OLIVEIRA FILHO, 2009).

Na maioria das vezes os alunos que vivem em um mundo dinâmico e em constantes transformações, veem a escola como um local desinteressante, entediante e não prazeroso, como coloca Lara (2003, p. 30), "a escola liga-se, pois, a disciplina, silêncio, estudo. Estudo em latim significa esforço. É aí que começa o perigo dos alunos não se sentirem tão animados". O que acaba por dificultar o processo de aprendizagem na perspectiva da construção do conhecimento. Isso mostra que as instituições precisam ser repensadas se transformando em lugares de acolhimento, mudando a perspectiva de única detentora do conhecimento, e reconhecendo que os estudantes possuem experiências de vida a partir das quais constroem novos conhecimentos, habilidades e competências sistematizadas na escola.

De acordo com Lourenço e Paiva (2010), a motivação dos alunos no ambiente escolar é um grande desafio a defrontar, pois tem consequências diretas na qualidade do envolvimento do aluno com o seu próprio processo de ensino e aprendizagem. PACHECO (2014 p. 06) diz:

"(...) não passa de um grave equívoco a ideia de que se poderá construir uma sociedade de indivíduos personalizados, participantes e democráticos enquanto a escolaridade for concebida como um mero adestramento cognitivo. E urgente interferir...questionar convicções e fraternalmente, incomodar os acomodados."

Para Callai (2001, p. 13) as formas mais tradicionais de ensino estão se esgotando em si mesmas. Os alunos, de forma geral, estão muito distanciados daquilo que a escola vem fazendo. O prazer de poder aprender e de aprender de fato foi a muito sendo substituídos pela obrigação, pelo dever de ir à escola". Desinteresse que também contribui para a evasão escolar, para a reprovação e a falta de compromisso com a atividade pelo corpo docente.

Em sua crônica "A Escola da Ponte", Rubem Alves compara os nossos programas de aprendizagem atuais com um livro de receitas que não vão ser feitas. "Receitas aprendidas sem que vá fazer o prato são logo esquecidas. A memória é um escorredor de macarrão" (ALVES, 2001, p. 39). O autor traz a reflexão de que, os conhecimentos que não serão utilizados são como a água do macarrão que escorre, assim como, currículo cumprido não é currículo aprendido, mesmo que os alunos atinjam notas e passem nos exames, pois os exames/avaliações são realizados enquanto a água ainda não acabou de escorrer. "Esse é o destino de toda a ciência que não é aprendida a partir da experiência: o esquecimento" (ALVES, 2001, p.42).

Considerando o atual cenário da educação brasileira, não existem mais espaços para o desenvolvimento de aulas exclusivamente expositivas baseadas apenas na lousa e no livro didático. Os professores precisam utilizar e se apropriar de outros recursos pedagógicos afim de tornar o ensino mais motivador, atraente e prazeroso, por meios de situações contextualizadas e relacionadas ao cotidiano dos alunos, utilizando os conhecimentos prévios como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos.

Para Oliveira Neto (2008, p.03), uma característica muito importante do mundo atual é a expansão e o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, o mundo hoje possui grandes avanços tecnológicos, o que faz com que se 'presencie' ou se tenha conhecimento de todos os acontecimentos, já que a comunicação ocorre em tempo real, permitindo que as pessoas vivenciem o mundo de maneira cada vez mais rápida e eficiente.

O processo de construção da autonomia no ambiente escolar é muito mais importante do que a simples exigência por "disciplina", pois crianças "(...) encorajadas a pensar ativa, crítica e autonomamente aprendem mais do que as que são levadas a obter apenas competências mínimas" (KAMII, 1986, p. 120). Por isso a importância de o educador, em sua prática pedagógica, dar oportunidades para garantir a participação dos alunos, que precisam ser encorajados a questionar e perguntar sobre o que não entenderam, dessa forma se sentirão acolhidos e respeitados.

Segundo Santos (2003, p. 12), "Os alunos [...], não querem mais ficar só escutando o professor, querem falar, querem ser ouvidos, desejam ser mais participativos". Portanto, se os professores desejam ter alunos participativos e interessados, para que se tornem bons cidadãos, é preciso permitir e incentivar que se expressem durante as aulas, conforme afirma Lorenzato (2006, p. 15), "permitir que os alunos se pronunciem é, antes de tudo, um sinal de respeito a eles e de crença neles".

PRÁTICAS DOCENTES PARA COMBATER A DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR.

A desmotivação pelos estudos foi apontado como um dos grandes problemas das escolas, muitas crianças chegam cansadas por que tiveram uma noite mal dormida e provavelmente uma manhã cheia de atividades e muitas não fazem as tarefas escolares, chegam na escola preocupadas com a hora da saída, para voltarem à suas casas, além da falta de cobrança de muitas famílias, que muitas vezes por causas dos acúmulos de tarefas atribui pouco tempo aos seus filhos (Knüppe, 2006, pg. 285).

As crianças de hoje vive no mundo repleto de tecnologia e brinquedos que encantam e fascinam a todos, e despertam interesses que estão além do simples fato de frequentarem uma escola, e toda essa tecnologia gera certos desinteresses e desmotivação pelos estudos, embora todos saibam da importância da educação para o desenvolvimento do ser humano, e fazer com que esses meninos(as) entendam que isso é um grande desafio.

Os professores preocupados começam a modificar as suas aulas. Já não fazem mais tantas cópias e a confecção de jogos e pesquisas dentro da escola começou a fazer parte do dia a dia, à utilizar diferentes recursos em suas aulas, como jogos de computadores, pesquisas na internet, e confecção de materiais pelo próprio aluno, garantindo assim uma melhor atenção de interesse do mesmo, o professor deve buscar estratégias, recursos para fazer com que o alunos queira aprender e deve fornecer estímulos para que se sinta motivado, e ao estimular o educador desafia-o sempre.

Para ele a aprendizagem é também motivação, em que os motivos provoquem interesse para aquilo que será aprendido é fundamental que o aluno queira dominar alguma competência, assim o professor deve fornecer sempre ao aluno, o conhecimento de seus avanços tendo a atenção dos alunos.

Ainda segundo Knüppe (2006, pg. 286), para que os alunos não fiquem desmotivados o professor tem que dar o melhor de si, trazer atrativos que motivem, assuntos e trabalhos interessantes, para que assim consigam entender as crianças para estudar. Por isso temos que fazer de tudo para que os alunos gostem de frequentar a escola.

O professor também tem que estar motivado e qualificado para está construindo e reconstruindo novas competências, usando seus saberes para garantir o envolvimento no processo de ensino aprendizagem, desenvolvendo a docência com qualidade e significado ao contexto vivenciado.

A responsabilidade como educadores é enorme para os manter motivados e aprender e motivar o aluno a aprender a aprender, por isso a escola tem que criar mecanismo para resgatar e manter otimista a motivação do coletivo escolar, é importante também con-

tar com a presença da família na escola e no processo de aprendizagem do aluno.
Os pais que saibam manter o equilíbrio comportamental das crianças. É necessário trabalhar também sobre valores, éticas, sexualidades, limites, etc; e ficar atentos ao comportamento de seus alunos, vistos que podem partir desde aqueles jovem mais agitados, tanto aos jovens desligados e inquietos, o professor deve se preocupar com o ambiente escolar, em especial a sala de aula, o desenvolvimento das atividades, a organização e principalmente a relação professor aluno e o processo avaliativo.
Segundo Weiner(1979), os alunos atribuem seus êxitos ou fracassos a fatores que podem ser classificados seguindo diferentes critérios: causas internas ou externas, segundo as causas se encontrem no interior do sujeito ou fora dele; estáveis ou instáveis, segundo respondam a algo permanente ou mutável e, por último controláveis e incontroláveis, segundo seja possível ou não intervir nelas.
FITA, (1999) afirma que "decidir que tarefas, que atividade de ensino-aprendizagem os alunos realizarão é uma das tarefas mais criativas que nós, professores realizamos" (p.111), é muito importante o planejamento das aulas que elas sejam criativas e evolventes. Por que as crianças precisam gostar de ir a escola.
Segundo BZUNECK (2001, P. 23) "o papel do professor e da escola em relação a motivação do aluno tem como elemento desencadeante a constatação de que existe problema, potenciais ou reais." Porém o problema da desmotivação ou a falta dela não é somente do aluno; na realidade ele é o maior prejudicado, tendo em vistas muitas vezes as contingências em que vive e que repercute também em sua vivência escolar.
Ao trabalhar motivação em sala de aula requer do professor a atenção para as especificidades existentes no grupo de alunos, ou seja, a motivação de um poderá não ser a do outro. Para isso a regra é conhecer em cada aluno o que necessita e anseia.
Para isso o professor tem que buscar estratégias adequadas que acenda no aluno o desejo pelo novo, pela exploração do conhecimento que adote práticas que vincule as recompensas externas, porém, entendendo sempre que cada aluno representa um mundo diferente, com diversas perspectivas, pois que, BZUNECK (2001, p. 25): existe alunos com problemas mais profundos(...) o que sugere necessidade de um programa específico, a ser elaborado para cada caso.
O professor deve estabelecer relação amistosa com seu aluno, não pode jamais ignorar as diferenças existentes entre eles, visto que, somos únicos, imperfeitos e humanos. Por essa razão, o papel do professor em classe, de acordo com BZUNECK(2001, p. 26), do ponto de vista psicoeducacional, mais do que remediar é o prevenir a ocorrências de condições negativas(...) e mais do que tudo. Desenvolver e manter as classes como um todo.
Em questão da motivação em sala de aula não está direcionada apenas aos alunos, mas também a todo o corpo docente, já que as suas atitudes e seu comportamento podem refletir na sala, contribuindo que haja momentos de motivação ou falta da mesma, sendo assim, a forma como o professor ministra suas tarefas em sala de aula irá refletir na aprendizagem do aluno.
Segundo FITA (1999, p.127), não existem receitas mágicas que melhorem a motivação dos nossos alunos. Nossa profissão exige que o professor seja criativo e dinâmico, mas para isso precisa-se estar motivado e com metas e objetivos bem esclarecidos.

OS IMPACTOS DA DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL I

Crianças e jovens que não acham a escola dinâmica ou inovadora se engajam menos nas atividades escolares. Uma escola rígida, por melhor que seja naquilo que oferece, irá atender aos interesses de uma pequena porcentagem dos alunos. Assim, para promover interesse de todos os alunos nas atividades escolares, é necessária uma boa dose de flexibilidade que deve ser aplicada a todos os aspectos essenciais da educação dos componentes curriculares a horários, estilos de ensino- aprendizagem e forma de avaliação. Quanto mais flexível for a escola, mais fácil é a adequação desta aos interesses dos alunos.

Para o sociólogo Souza (2009), nos pressupostos de fracasso e sucesso escolar diz que muitas vezes a escola é responsável pelo fracasso educacional ou não afeto pelo estudo, apontando-a como um fator de desmotivação a qual, comete a chamada "violência simbólica" da má fé institucional:
A crueldade da má fé institucional está em garantir a permanência da ralé na escola, sem isso significar, contudo, sua inclusão efetiva no mundo escolar, pois sua condição social e a própria instituição impedem a construção de uma relação afetiva positiva com o conhecimento.

Ainda Jose Souza diz que a "ralé" seria constituída de pessoas inadequadas nas condições mais baixas socialmente, pessoas humildes e desqualificadas quanto á instrução profissional e educacional. Esses indivíduos estariam inseridos em sala de aula, mas não estariam efetivamente inclusos no processo interativo.
Entretanto, atribuir unicamente a responsabilidade do sucesso ou fracasso educacional a escola no mínimo, torna-se injusto pois se observa também um desinteresse pessoal muito grande, o que falta é um impulso motivador e algo que dê prazer ao ato de estudar e buscar, na educação, um futuro promissor.
De acordo com TAPIA (1999), na maioria dos encontros de professores, a queixa presente é com relação ao desinteresse dos alunos em querer aprender. No entanto acreditam que "esse fato afeta diretamente professores e alunos em função das áreas de estudo, dos níveis do sistema educacional e das características socioculturais de quem aprende, entre outras variáveis"
Ainda TAPIA (1999) salienta que é importante que as crianças aprendam algo que faça sentido, como descobrir por trás das palavras que se constroem significados conhecidos e experimentar o domínio de uma nova habilidade, encontrar explicação para um problema relativo a um tema que deseja compreender. Outro fato importante relatado pelo autor é que os professores podem conquistar a motivação de seus alunos mostrando no início da aula, curiosidades relacionadas ao tema, e relatar a importância do conteúdo. Mesmo sendo crianças de (1° a 5° ano) do ensino fundamental l, isso pode ser abordado e com certeza fara com que os alunos tenham mais interesse pelos estudos. Desta forma o professor precisa usar metodologias que envolvam os alunos e faça com que ambos produzam e interajam.
Bzuneck resume o impacto da desmotivação:

Alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, consequentemente, aprendem muito pouco. Em última instância, ai se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender pela vida afora. (Bzuneck,2001, p.13).

Segundo Tapia (1999), algo que pode auxiliar os professores a compreender a motivação de seus alunos é observar seus comportamentos, o que dizem e o que fazem as crianças quando precisam realizar atividades relacionadas com a aprendizagem. Outro fato importante relatado pelo autor é que os professores podem conquistar a motivação de seus alunos mostrando, no início da aula, curiosidades relacionadas ao tema, e relatar a KNÜPPE, L. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras. Educar, Curitiba, n. 27, p. 277-290, 2006. Editora UFPR 289 importância do conteúdo. Mesmo sendo crianças de 1ª a 4ª série, isso pode ser abordado, e com certeza fará com que os alunos tenham mais interesse pelos estudos.
Geralmente a falta de motivação é originada das características próprias do aluno e do ambiente escolar como um todo, fazendo com que o aluno passe a ter medo do próprio fracasso escolar e de como lidar com ele. Determinados alunos apresentam grande dificuldade em interagir com certas atividades, outros apresentam resistência total no sentido de adquirir conhecimentos, se isolando dos demais colegas, negando a participar das atividades propostas, bem como não apresentando interesse qualquer em realizar algo que se refere à aprendizagem.
O professor deve ficar atento ao comportamento de seus alunos, visto que podem

partir desde aqueles jovens mais agitados, tanto aos jovens desligados e inquietos. No sentido de ajudar o aluno desmotivado, o professor deve se preocupar com o ambiente escolar, em especial a sala de aula, o desenvolvimento das atividades, a organização e principalmente a relação professor/aluno e o processo avaliativo. A desmotivação para o estudo é realidade na maioria de nossas escolas, ela vem sendo observada não somente por professores, muitos pais já perceberam isso em seus filhos.
De acordo com Ruiz (2004, p. 13):

Exemplos disto são as queixas cada vez mais freqüentes dos pais a respeito do baixo valor atribuído pelos seus filhos à escola e dos professores manifestando sua preocupação com a falta de interesse, com o baixo rendimento, com a pequena participação nas aulas e com o pouco tempo dedicado pelos alunos às atividades acadêmicas fora da classe, sem falar nos comportamentos de indisciplina em sala de aula e no fracasso ou evasão, muitas vezes resultantes deste quadro.
A realidade apresentada por Ruiz, atinge alunos de todas as idades, séries, raças, classes sociais. Inclusive as crianças que estão em seus primeiros anos escolares vêm demonstrando sua desmotivação através de atitudes e comportamentos semelhantes aos citados anteriormente. Sabemos que a principal fonte de motivação são nossos próprios desejos, as metas que traçamos, os objetivos que almejamos atingir.
Porém, é possível perceber que em crianças provenientes das classes sociais mais baixas (muitos casos sendo os pais analfabetos funcionais, satisfazendo-se com o fato de seus filhos saberem ler e escrever) as expectativas de um futuro melhor baseado em seus estudos e, de seus filhos, é quase nenhuma. Com isso, muitos desses pais por não terem estudos deixam de cobrar de seus filhos a realização da tarefa de casa. Ocorrendo então a evasão escolar por falta de auxílio e comprometimento com os estudos.
Com tudo isso, podemos considerar que a motivação, seja ela intrínseca, aquela que vem de fatores internos como comprometimento e senso de responsabilidade sobre o seu próprio processo de aprendizagem, ou extrínseca, aquela que se dá por fatores externos como recompensas, notas boas e elogios, é uma ferramenta muito importante a ser estimulada pelos professores, tendo papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

CONCLUSÃO

Através de teóricos e a vivência no cotidiano, o presente artigo buscou destacar a importância de se ter um aluno motivado em sala de aula, desenvolver maneiras para lidar com essa situação em sala de aula e como professores e responsáveis podem ajudar nesse contexto, afim de chegar em uma conclusão na melhoria dessa forma de ensino e como utilizar essas habilidades sem causar grande impacto no educando.
Podemos atribuir a falta de motivação das crianças ao fato de viverem em um mundo repleto de tecnologias, e que, por mais que as pessoas saibam da importância da educação para o desenvolvimento da criança, cada vez mais é um desafio para o professor buscar estratégias para que possíveis soluções sejam buscadas.
Concluímos, portanto, que, quando exigimos de nossos alunos que aprendam ou absorvam um conteúdo, sem deixar claros os motivos que os fazem primordial para a vida desse aluno, exigimos que ele se esforce em algo pelo qual ele não tem nenhuma identificação e nem motivação em aprender.

REFERÊNCIAS

E.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. É. R. (Org.). Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo. Petrópolis: Vozes, 2010. P. 13-42.

ENGELMANN, Erico. A motivação de alunos dos cursos de artes de uma universidade pública no norte do Paraná. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestredu/images/stories/downloads/dissertacoes/2010>. Acesso em: 27 jun. 2014.

GUIMARÃES, S. É. R. A organização da escola e da sala de aula como determinante da motivação intrínseca e da meta aprender. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). A

motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea.4.ed.Petrópolis: Vozes, 2009a. p. 78-95.

GUIMARÃES, Sueli Édi R. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala. In: BZUNECK, José Aloyseo: BORUCHOVITCH, Evely. A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

KNÜPPE, Luciane. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. Educar em Revista, n. 27, p. 277–290, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/er/n27/a17n27.pdf.